

APARIÇÕES MARIANAS EM OUTROS CONTEXTOS: A VIRGEM DE ZEYTOUN E SUA RECEPÇÃO POR CRISTÃOS COPTAS E MUÇULMANOS NO EGITO (1968-1971)

Mariam apparitions in other contexts: The Virgin of Zeytoun and her reception by coptic christians and muslims in Egypt (1968-1971)

Heloisa Maria Paes Souza*

Raymundo Heraldo Maués**

RESUMO

As aparições marianas constituem um fenômeno religioso de longa duração que envolve milhares de pessoas, assim como instituições, e que não está restrito ao contexto católico, como crê o senso comum, chegando a extrapolar o próprio cristianismo. A partir de pesquisa bibliográfica referente ao conjunto de aparições atribuídas a Maria, ocorridas entre 1968-1971 em uma igreja cristã copta de Zeytoun, então subúrbio do Cairo (Egito), busca-se, em linhas gerais, compará-lo às aparições marianas em contextos católicos e compreender o porquê de tais aparições terem causado comoção na população egípcia, cuja maioria é muçulmana.

PALAVRAS-CHAVE: Virgem de Zeytoun. Coptas. Muçulmanos. Egito.

ABSTRACT

The Marian apparitions constitute a long-standing religious phenomenon involving thousands of people, as well as institutions, which is not restricted to the Catholic context, as common sense believes, even extrapolating Christianity itself. From a bibliographical research on the set of apparitions attributed to Mary, which occurred between 1968-1971 in a Coptic Christian church in Zeytoun, then suburb of Cairo (Egypt), it is generally sought to compare it to the Marian apparitions in Contexts and to understand why such apparitions caused a sensation in the Egyptian population, the majority of whom are Muslims.

KEYWORDS: Marian apparitions. Virgin of Zeytoun. Copts. Muslims.

1 INTRODUÇÃO

No século XVIII, os iluministas empreenderam um projeto que tinha como objetivo a mudança de paradigmas – do teocêntrico para o antropocêntrico. Assim, foi inaugurada a época da razão, da secularização, do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, da globalização do capitalismo, que conduziriam a humanidade ao progresso, à modernidade.

* Professora do Ministério da Defesa. Doutoranda em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

** Doutor em Antropologia pelo Museu Nacional (1987), Professor Emérito da Universidade Federal do Pará, Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da UFPA.

Entre as mais importantes características da modernidade destaca-se a secularização, ou seja, “[...] o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos.” (BERGER, 2013, p. 119). Para muitos acadêmicos do século XX, a separação entre Igreja e Estado, nas sociedades modernas, promoveu a secularização da consciência ou do pensamento e isso explica, pelo menos na Europa, o declínio progressivo das instituições religiosas tradicionais, sobretudo cristãs, bem como o afastamento da crença no sobrenatural, cada vez mais distanciado dos horizontes do cotidiano. A previsão, portanto, era de que, com a modernidade, as crenças e práticas consideradas irracionais, entre elas a religião, chegariam ao fim.

Apesar do prognóstico, o que se percebe é, de fato, a ressurgência do fenômeno religioso: novas formas de envolvimento, conversões, novas modalidades de crença, etc. Procurando explicar o retorno em força da religião à cena pública e ao coração das sociedades, Hervieu-Léger (2005) entendeu que a secularização não significou a perda da religião no mundo moderno, pois o religioso continua em todo lado e não se desvincula do conjunto das relações e práticas sociais. O que acontece na contemporaneidade, segundo a autora, é a diminuição do poder e da credibilidade das instituições religiosas e não da religiosidade em si.

Se a religião não desapareceu do mundo moderno, o mesmo acontece com a crença no sobrenatural, numa outra realidade que transcende aquela na qual os seres humanos desenvolvem suas experiências diárias. A permanência dessa crença estaria ligada à ideia de que, para muitos, as condições da existência não são atraentes, de que a ciência não tem respostas para tudo, como a morte e a existência do mal, assim como a mesma não deu conta de acabar com o sofrimento humano (BERGER, 1997). Dessa forma, a procura por explicações, conforto e soluções advindas dos seres pertencentes à “realidade sobrenatural” continua forte e isso talvez explique, em parte, o aumento do número de relatos de aparições sobrenaturais – as hierofanias públicas - que, no contexto católico romano, são amplamente divulgadas (CSORDAS, 2008, p. 235).

Este artigo, portanto, procura demonstrar que as aparições reportadas a Maria constituem-se num fenômeno religioso de longa duração, que continuam importantes para setores de sociedades na modernidade, envolvendo milhares de crentes e instituições (religiosas ou não), demonstrando também mostrar que o fenômeno não é restrito ao

contexto católico romano, como muitos pensam, chegando a extrapolá-lo e ao próprio cristianismo. Para tanto, por meio de documentação indireta, ou seja, da coleta de dados em fontes bibliográficas acessíveis em inglês e português, narramos o evento inicial e o que foi visto pelas testemunhas que, naquele momento ou nos posteriores, creram ou descreram que Maria esteve em Zeytoun, fazendo visitas semanais à igreja copta local ao longo de pouco mais de três anos. Entre as fontes utilizadas, destacamos o trabalho de Nelson (1973) que não só colheu relatos das aparições, como também se fez presente durante algumas noites no local dos eventos.

2 AS APARIÇÕES MARIANAS

Os primeiros teóricos da secularização, que imaginaram um mundo onde a religião perderia sua importância no cotidiano, ficaram surpresos com a efervescência religiosa/espiritual causada pelas aparições e cultos marianos nas últimas décadas. Não que as aparições marianas sejam recentes. De fato, são um fenômeno religioso antigo, de longa duração, como mencionado.

No Concílio de Éfeso, realizado em 431, foram definidos o papel e a importância de Maria para os cristãos. Ela foi proclamada *theotokos*, palavra grega cuja tradução literal é “portadora de Deus”. Todavia, na Cristandade ocidental, a expressão passou a significar “Mãe de Deus” (JOHNSON, 2006, p. 155). A partir de então o culto mariano, já existente, foi validado pelas autoridades eclesásticas. Nos séculos seguintes, seria disseminado e surgiriam inúmeros relatos de aparições de Maria.

Segundo Steil (2003), as aparições marianas na história do catolicismo dividem-se em quatro fases distintas. O mesmo autor destaca características próprias a cada uma. Na primeira fase, que vai das origens do cristianismo à Idade Média, os relatos indicam aparições às figuras proeminentes da Igreja e da sociedade que, tendo recebido indicação de Maria, promoveram a construção de santuários para onde peregrinariam multidões de devotos em busca de cura, conforto e proteção. São exemplos de santuários marianos medievais aqueles localizados em Puy-em-Velay (França), Covadonga nelle Austurie (Espanha), Walsingham (Inglaterra), Alcácer do Sal (Portugal).

A segunda fase, que corresponde à Idade Moderna, é aquela na qual o culto mariano se expande juntamente com a colonização europeia. É trazido para as Américas e relatos de aparições distantes dos centros urbanos, junto à natureza, ganham destaque. Nesse contexto, imagens da Virgem são encontradas por gente do povo. No Brasil, são emblemáticos os achados das imagens de Maria no Pará (Nossa Senhora de Nazaré, em 1700) e em São Paulo (Nossa Senhora de Aparecida, em 1717). O achado dessas imagens também pode ser caracterizado como aparição, pois os devotos creem que Maria escolhe aqueles a quem se manifesta, assim como o local da manifestação (RAMOS, 2015).

A terceira fase se dá no contexto do racionalismo (séculos XIX e XX), quando o catolicismo busca afirmação em meio à crescente secularização da Europa ocidental. Crianças camponesas na França (La Salette, em 1846 e Lourdes, em 1858) e em Portugal (Fátima, em 1917) são as videntes que recebem mensagens marianas, que contêm certos “segredos” que devem ser confiados às autoridades eclesiais.

A última fase, o que o autor denomina “contexto pós-moderno” (STEIL, 2003, p. 30), tem como diferencial a participação singular do movimento carismático (surgido no final de 1967¹) e uma nova forma de recebimento das mensagens, ligada ou não à vidência. Trata-se da “locução interior” – categoria nativa utilizada para explicar as aparições onde o confidente fala como se fosse Maria ou Jesus. No caso, as mensagens seriam entregues, pelo poder do Espírito Santo, ao coração e à mente dos receptores (MARIZ, 2003, p. 265).

Além de ter dividido o fenômeno das aparições em fases e de caracterizá-las, Steil (2003) comparou-as e encontrou elementos recorrentes, tais como a densidade simbólica (que reveste o fenômeno e que salienta a experiência humana com o sagrado em épocas de crises sociais e políticas) e a ocorrência de mensagens transmitidas por Maria por intermédio de videntes. Nos contextos em que as mensagens são transmitidas, laços comunitários são criados entre os fiéis, que superam possíveis diferenças socioeconômicas, de gênero e, como será visto, até mesmo religiosas. As mesmas recorrências também são encontradas por Melton (2008), que destaca a relação entre as aparições e eventos sociais significativos para a comunidade onde ocorre o fenômeno.

¹ Conforme consta na página da web da RCC no Brasil: “A Renovação Carismática Católica, ou o Pentecostalismo Católico, como foi inicialmente conhecida, teve origem com um retiro espiritual realizado nos dias 17-19 de fevereiro de 1967, na Universidade de Duquesne (Pittsburgh, Pensilvânia, EUA)”. Conferir o site: <http://www.rccbrasil.org.br/interna.php?paginas=42>. Acesso em 25 jan. 2017.

Assim, as aparições conduzem os crentes à certeza de que a Providência Divina está atenta àquele momento particular e que socorre os seres humanos em suas dificuldades.

3 APARIÇÕES MARIANAS EM OUTROS CENÁRIOS

Segundo Carneiro (2003, p. 127), “não é apenas no âmbito do catolicismo que os relatos sobre esses eventos (as aparições marianas) emergem. Pode-se vê-los atravessando as fronteiras católicas [...]”. Em países onde católicos são minoria e/ou os fiéis/igrejas não estão submetidos ao Pontífice Romano, também há relatos de aparições marianas que têm chamado a atenção da mídia e de alguns acadêmicos especializados no tema. É o caso das aparições da Virgem Maria no Egito², país majoritariamente muçulmano, de vertente sunita, onde também existe uma minoria de cristãos do rito copta³.

Segundo sua própria tradição, a Igreja Ortodoxa Copta foi fundada em 42 pelo apóstolo Marcos em Alexandria, sendo uma das igrejas cristãs orientais mais antigas. Para os historiadores, os coptas têm sua origem no Concílio de Calcedônia (451), que reuniu representantes da cristandade. Os bispos alexandrinos não aceitaram a resolução final do encontro, a de que Jesus possuiria duas naturezas (uma humana e outra divina). Sendo assim, continuaram defendendo a crença de que Cristo seria detentor apenas da natureza divina (monofisismo), causando um cisma e o rompimento com a autoridade romana (KATZ, 2014).

O fenômeno das aparições marianas é recente no Egito, datando da segunda metade do século XX em diante. De acordo com Heo (2013), a Igreja Ortodoxa Copta privilegia as aparições coletivas classificadas como “mistas”, ou seja, testemunhadas por cristãos e muçulmanos. A aparição mariana coletiva mista mais famosa (e emblemática) no Egito ocorreu entre os anos de 1968 e 1971 em Zeytoun⁴, no Cairo.

² As principais aparições marianas ocorridas no Egito foram em Zeytoun (1968-1971), Assiut (2000-2001) e em Al Warraq (11 de dezembro de 2009).

³ Segundo Heo (2013, p. 9), os cristãos coptas dividem-se em ortodoxos (católicos) e evangélicos – a menor fração. O último grupo surgiu a partir do século XIX e através da presença de missionários protestantes norte-americanos e britânicos no Egito e Oriente Médio.

⁴ Zeytoun atualmente é um distrito localizado ao leste da região metropolitana do Cairo (Egito), habitado, em sua maioria, por elementos das camadas médias. O nome em árabe significa “oliveira”. Segundo a tradição cristã local, a Sagrada Família, quando de sua fuga para o Egito, teria vivido no local ou feito uma parada para descanso. No local da aparição mariana entre 1968 e 1971, havia a antiga igreja copta de Santa Maria. Em 1925, teve início a construção do prédio atual – a Igreja da Virgem Maria.

Na noite de 2 de abril de 1968, segundo relatos da mídia local⁵, dois mecânicos muçulmanos saíram da garagem onde trabalhavam e um deles olhou para o domo da vizinha igreja copta, avistando uma figura vestida de branco. Pensando tratar-se de alguém que estivesse prestes a cometer suicídio, chamaram imediatamente a polícia. Quando os policiais chegaram ao local, já havia um número considerável de espectadores que, nas horas seguintes, tenderia a aumentar, pois o pároco local sugerira que a figura no domo se tratava da própria Virgem Maria, a quem a igreja fora consagrada.

Convencidos do fato extraordinário ou impulsionados pela curiosidade, muçulmanos, cristãos coptas e estrangeiros de diversas crenças amontoaram-se nas proximidades da igreja nas noites seguintes. As aparições aconteciam duas ou três vezes por semana, em intervalos irregulares. No final daquele mês, foram contabilizadas cerca de cem mil testemunhas oculares (NELSON, 1973; CARROL, 1986; EVANS; BARTHOLOMEW, 2009).

Nelson (1973), antropóloga que na época lecionava na Universidade Americana do Cairo, ao saber das aparições por intermédio de alunos (coptas e muçulmanos), passou a realizar pesquisa de campo no local, dirigindo-se à igreja diversas noites e coletando testemunhos de pessoas de diferentes crenças, idades, gêneros e condições socioeconômicas. Ela relata que havia tanto homens quanto mulheres (majoritariamente das classes médias), cristãos e muçulmanos, que referiam-se à aparição “ [...] como *Umm-i-nur*’ (Mãe da Luz) ou *Ya Habibi* (uma frase afetuosa significando ‘Meu querido’ e utilizada tanto por coptas quanto por muçulmanos quando dirigidas à Deus). ” (NELSON, 1973, p. 8).

Mas, o que os espectadores viram em Zeytoun? Os testemunhos são variados. Nelson (e outras pessoas) observaram apenas luzes e/ou uma leve silhueta humana no alto do domo da Igreja da Virgem Maria. Há relatos de pessoas que acreditaram ter visto uma figura vestida de branco e portando véu, às vezes com um bebê nos braços. Noutros depoimentos, a aparição voltava-se para a multidão e a abençoava. Em certas ocasiões permanecia parada sobre o domo, em outras caminhava. Há relatos também de que a

⁵ Quanto à mídia local, Albera (2012, p. 19) cita o jornal semanal copta *Watani* (“Minha Pátria”, em árabe) que, no período de 1968-1970, publicou também centenas de relatos de acontecimentos miraculosos associados à Virgem. Em Khater (2011, p. 225-228), encontramos trechos do jornal diário (semioficial) *Al-Ahram* (“As Pirâmides”, em árabe) que também deram destaque ao fenômeno.

aparição se movia no céu, sozinha ou acompanhada de pombas brancas luminosas (NELSON, 1973; CARROL, 1986).

É interessante notar que durante os anos nos quais o fenômeno se repetiu, nenhuma mensagem explícita foi deixada pela Virgem (NELSON, 1973). Na verdade, o que foi veiculado pela mídia da época, consistiu na interpretação dada ao fenômeno pela Igreja Ortodoxa Copta. No dia seguinte à primeira aparição, por exemplo, o clero copta sugeriu aos jornais que o fato indicava a clemência divina para com a nação egípcia, que vivia uma grande crise. Dez meses antes, o país passara pela humilhante e desastrosa derrota na Guerra dos Seis Dias (5 a 10 de junho de 1967), quando os israelenses destruíram a força aérea egípcia e ocuparam a Península do Sinai até o Canal de Suez, além de Jerusalém e partes dos territórios jordaniano e sírio (HOURANI, 2006). A derrota abalou consideravelmente a imagem e o prestígio do então presidente egípcio, Gamal Abdel Nasser, principal líder do pan-arabismo. A aparente força e invencibilidade israelense gerou um clima de pânico, tristeza e ansiedade quanto ao futuro. A interpretação dada pelas autoridades eclesiais coptas sobre a aparição em Zeytoun, portanto, era de cunho nacionalista e trazia esperança aos egípcios – o que foi prontamente aprovado por Nasser e seu governo. Nos dias que se seguiram, autoridades governamentais passaram a contribuir para a gestão dos eventos em Zeytoun. Através da publicação de folhetos e livros, o Ministério do Turismo egípcio divulgou as aparições mundialmente, o que garantiu, além da presença perene dos turistas no país, a peregrinação de inúmeros devotos de diversas nações (ALBERA, 2012).

Analisando o envolvimento do governo egípcio no fenômeno, Nelson (1973) e Carrol (1986) inferem que o mesmo utilizou-se do fenômeno para que a população restabelecesse a confiança em Nasser e seus planos para o futuro do país, divulgados três dias antes da primeira aparição em Zeytoun. O segundo autor também conclui que os egípcios estariam suscetíveis a qualquer sugestão de um amanhã promissor e a ideia de que Deus estaria demonstrando seu favoritismo à nação egípcia, sem dúvida, era muito confortadora. Mas, como explicar a comoção e o envolvimento não só de cristãos, mas também de muçulmanos sunitas nos eventos em Zeytoun?

4 MARIA NO ISLÃ

De acordo com Sonn (2011, p. 23), “[...] os muçulmanos se referem à sua religião como parte da tradição abraâmica ou monoteísta, já que o Islã compartilha a história, as crenças básicas e os valores do judaísmo e do cristianismo.” Como monoteístas, portanto, os muçulmanos acreditam em um Deus único, que revelou Sua vontade aos humanos por intermédio de profetas e mensageiros⁶, com destaque para Abraão [Ibrahim], Moisés [Musa], David [Daoud], Jesus [Issa] e Muhammad, portador da derradeira mensagem.

No Alcorão, considerado escritura sagrada que confirma e completa as escrituras judaico-cristãs, Jesus é mencionado vinte e cinco vezes, frequentemente como “filho de Maria”. O aposto lembra que, na crença muçulmana, Jesus teve um nascimento incomum (filho de uma virgem e sem pai) e recebeu uma importante missão, a de mensageiro para seu povo. Portanto, embora criado miraculosamente por Deus, era humano, um ser histórico (TAVARD, 1996).

Maria, mãe de Jesus, é a figura feminina de maior destaque no texto alcorânico e uma das mais destacadas na tradição muçulmana: setenta versículos referem-se a ela, sendo mencionada nominalmente trinta e quatro vezes (mais que no Novo Testamento). Além disso, é a única mulher identificada pelo nome na revelação, que também intitula um de seus capítulos, a Sura 19⁷ (SMITH; HADDAD, 1989).

As informações sobre a vida de Maria no Alcorão são, para a maioria dos cristãos, um misto de familiaridade e estranheza (RUBIN, 2009). Tanto no Novo Testamento (LUCAS 1: 26-56)⁸ quanto na escritura sagrada muçulmana (ALCORÃO 19:16-26), o anjo Gabriel aparece diante de Maria, reconhecendo suas muitas qualidades como serva de Deus e a informa de que foi escolhida (e agraciada) para conceber Jesus. Vejamos o que é dito.

16. E menciona Maria, no Livro, a qual se separou de sua família, indo para um local ao leste.

⁶ Profeta (*Nabi*, em árabe): é aquele que recebeu a orientação de Deus para confirmar o que um outro mensageiro transmitiu, sem trazer com ele uma mensagem nova. Mensageiro (*Rasul*, em árabe): é aquele a quem é transmitida uma mensagem ou Livro Sagrado, contendo uma nova recomendação. Todo mensageiro é um profeta, mas nem todo profeta é mensageiro. Fonte: http://www.islam.org.br/os_profetas_e_mensageiros_de_deus.htm. Acesso em 6 out. 2016.

⁷ Os capítulos alcorânicos são denominados suras ou suratat. Os versículos são denominados *ayas*. No total, o Alcorão possui 114 capítulos ou suras. A Sura 19 intitula-se “Mariam” (Maria, em português).

⁸ Ver o site <https://www.bibliaonline.com.br/acf/lc/1>. Acesso em 23 nov. 2016.

17. E colocou uma cortina para ocultar-se dela (da família), e lhe enviamos o Nosso Espírito, que lhe apareceu personificado, como um homem perfeito.
18. Disse-lhe ela: Guardo-me de ti no Clemente, se é que temes a Allah.
19. Explicou-lhe: Sou tão-somente o mensageiro do teu Senhor, para agraciar-te com um filho imaculado.
20. Disse-lhe: Como poderei ter um filho, se nenhum homem me tocou e jamais deixei de ser casta?
21. Disse-lhe: Assim será, porque teu Senhor disse: Isso Me é fácil! E faremos disso um sinal para os homens, e será uma prova de Nossa misericórdia. E foi uma ordem decretada.
22. E quando concebeu, retirou-se, com o seu rebento para um lugar afastado.
23. As dores do parto a constrangeram a refugiar-se junto a uma tamareira. Disse: Oxalá eu tivesse morrido antes disto, ficando completamente esquecida!
24. Porém, chamou-a uma voz, junto a ela: Não te atormentes, porque teu Senhor fez correr um riacho a teus pés!
25. E sacode o tronco da tamareira, de onde cairão sobre ti tâmaras maduras e frescas.
26. Come, pois, bebe e consola-te; e se vires algum humano, faze-o saber que fizeste um voto de jejum ao Clemente, e que hoje não poderás falar com pessoa alguma.
27. Regressou ao seu povo levando-o (o filho) nos braços. E lhe disseram: Ó Maria, eis que fizeste algo extraordinário!
28. Ó irmã de Aarão, teu pai jamais foi um homem do mal, nem tua mãe uma (mulher) sem castidade!
29. Então ela lhes indicou que interrogassem o menino. Disseram: Como falaremos a uma criança que ainda está no berço?
30. Ele lhes disse: Sou o servo de Allah, o Qual me concedeu o Livro e me designou como profeta.
31. Fez-me abençoado, onde quer que eu esteja, e me encomendou a oração e (a paga do) *zakat*⁹ enquanto eu viver.
32. E me fez gentil para com a minha mãe, não permitindo que eu seja arrogante ou rebelde.
33. A paz está comigo, desde o dia em que nasci; estará comigo no dia em que eu morrer, bem como no dia em que eu for ressuscitado.
34. Este é Jesus, filho de Maria; é a pura verdade, da qual duvidam.
35. É inadmissível que Allah tenha tido um filho. Glorificado seja! Quando decide uma coisa, basta-lhe dizer: Seja!, e é.
36. E Allah é o meu Senhor e vosso. Adorai-O, pois! Esta é a senda reta.

⁹*Zakat*: um dos cinco pilares do Islã, significa “purificação” e “crescimento”. Dar ou pagar o *zakat* significa dar uma porcentagem específica sobre certas propriedades para pessoas necessitadas. A porcentagem que é devida sobre ouro, prata, e fundos em dinheiro que alcançaram o volume de aproximadamente 85 gramas de ouro mantidas em posse por um ano lunar é 2,5%. Fonte: <http://www.islam-guide.com/pt/ch3-16.htm>. Acesso em 6 out. 2016.

Como pode ser observado, o Alcorão não faz referência ao casamento de Maria com José contido na Bíblia¹⁰. Pelo contrário, o texto informa que era solteira e que assim continuou após o nascimento de Jesus, sendo assim, foi acusada de fornicação por seus pares (ALCORÃO 19: 27-28). Outra diferença entre os textos se refere ao primeiro milagre atribuído à Jesus que consistiu na defesa (verbal) de sua mãe, sendo ainda um bebê de colo (ALCORÃO 19: 29-36).

Para Heo (2013), quando as duas representações de Maria (a cristã e a muçulmana) são comparadas, causam menos desacordos (e desconforto) que as representações de Jesus. Para o Islã, a palavra divina afirma clara e definitivamente que Jesus não é o filho unigênito de Deus e, muito menos, um dos deuses da Trindade cristã (ALCORÃO 19: 34-35). Ao contrário, Jesus é filho de uma mortal, sem pai, gerado de forma miraculosa pela vontade e poder de Deus (ALCORÃO 19: 20-21).

Maria, no Alcorão, segundo Albera (2012) aparece como um sinal para a humanidade e um exemplo para os crentes, sendo um modelo de confiança em Deus, de abandono à vontade divina, de piedade e modéstia. Ainda para o autor, o estudo da representação muçulmana de Maria deve levar em conta as diversas fontes existentes, sejam os *hadiths*¹¹, a literatura mística sufi e comentários do segmento xiita. Levando em conta essas outras fontes a tradição muçulmana sobre Maria torna-se, evidentemente, muito mais prolixa (SMITH; HADDAD, 1989).

É importante salientar, no entanto, que a maioria dos egípcios segue a corrente sunita, cuja ortodoxia afirma que

[...] embora milagres tenham ocorrido nas mãos dos profetas e pessoas virtuosas durante suas vidas, eles não tinham poder para se ajudar, quanto mais a outros, após sua morte. [...] O mesmo é verdadeiro para Maria. Embora muitos milagres tenham ocorrido na presença dela, *tudo cessou após sua morte*. Quaisquer alegações que as pessoas fizeram de que viram aparições da Virgem, ou que pessoas foram salvas após invocá-la, [...] são meras aparições feitas por Satanás para desencaminhar as pessoas da adoração e devoção ao Único Verdadeiro Deus. (ABDUSALAM, 2009, p. 25-26. Grifo nosso)

¹⁰ Lucas 1:26,27: No sexto mês Deus enviou o anjo Gabriel a Nazaré, cidade da Galileia, a uma virgem prometida em casamento a certo homem chamado José, descendente de Davi. O nome da virgem era Maria. Fonte: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/lc/1/26,27>. Acesso em 9 ago. 2017.

¹¹ *Hadiths* são os ditos e feitos atribuídos à Muhammad.

A partir do que foi exposto, poderíamos concluir que uma quantidade razoável de egípcios sunitas avalia as aparições marianas, em geral, como não sendo de orientação divina. No entanto, a oposição maior quanto à veracidade desses fenômenos religiosos, constantes na mídia egípcia a partir de Zeytoun, teve origem em outros grupos: os ateus, os sem religião e os evangélicos.

Khater (2011) menciona um artigo publicado logo após as primeiras aparições em Zeytoun, cujo autor classifica o fenômeno como “histeria religiosa” e que teria sido produzido/manipulado pelo governo de Nasser com o apoio dos coptas e da mídia, controlada pelo Estado.

Heo (2013), ao estudar as representações de Maria na Cristandade e no Islã a partir de outra aparição mariana no Egito, ocorrida mais recentemente¹², citou a fala do papa copta, Shenouda I que, ao referir-se à mais recente aparição mariana em um programa televisivo, afirmou que “muçulmanos amam e louvam a Virgem mais do que alguns protestantes”. Ainda segundo a autora, a fala do pontífice refere-se às críticas feitas por membros do Sínodo Evangélico Egípcio. Um deles, o pastor Reffat Fikry, afirmou que as aparições observadas em 2009 (à semelhança do ocorrido em Zeytoun) eram fabricações da tecnologia. Já o secretário do sínodo afirmou (também em um programa televisivo) que, para ser verdadeira, a aparição deveria ter comunicado quem era (verbalmente) e qual seu propósito para que não houvesse dúvida quanto sua origem divina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aparições de Maria em Zeytoun apresentam algumas características semelhantes que Steil (2010) identificou em contextos cristãos católicos: a densidade espiritual (e emocional); a ocorrência do fenômeno numa conjuntura de crise e desesperança; a primeira manifestação a pessoas do povo; um cenário de perda de prestígio copta por causa da diminuição do número de futuros candidatos ao clero (que levou ao fechamento de seminários) e da frequência aos rituais (HEO, 2013).

Testemunhos coletados em Zeytoun por estudiosos (como NELSON, 1973), pela Igreja Ortodoxa Copta e por profissionais da mídia, confirmam que um número

¹² Trata-se da aparição da Virgem de *Al-Warraq* em 2009.

considerável de muçulmanos e cristãos que, com a fé renovada, recorreram à Virgem para a resolução de problemas, como a cura de doenças, e a busca de conforto e esperança. Durante o período das aparições, tanto homens como mulheres (cristãos e muçulmanos) foram vistos no interior e no exterior da igreja copta local, acendendo velas e praticando outros atos de devoção à Maria.

Albera (2012), que estudou santuários marianos ao redor do Mar Mediterrâneo, que são compartilhados por cristãos e muçulmanos, afirma que a dimensão textual (referente à perspectiva alcorânica sobre Maria) é constantemente acompanhada de importantes demonstrações de devoção e, por esse motivo, muitos muçulmanos têm frequentado, através dos séculos, santuários marianos cristãos. Isso mostra que há formas de compartilhamento de espaços sagrados que são de longa duração. O maior exemplo talvez seja o compartilhamento dos espaços sagrados na Terra Santa.

Em Zeytoun (e talvez em outras aparições que ocorreram no Oriente Médio e Norte da África) a maioria dos espectadores foram muçulmanos. Entre eles, há os que afirmam ter visto Maria, solicitado seu auxílio e recebido milagres. Como explicar esse culto mariano entre crentes muçulmanos, cuja principal doutrina prescrita é a da unicidade de Deus, que deve ser adorado e requisitado sem o auxílio de intermediários?

Como foi dito antes, o Islã não é um bloco monolítico. Além da principal divisão sectária entre sunitas e xiitas, o mundo muçulmano possui uma enorme diversidade histórica, política e cultural, além de diferentes interpretações e práticas relacionadas às místicas e culturas locais (PINTO, 2010). Nessa linha, existem alguns estudos antropológicos¹³ que falam da devoção de muçulmanos aos “santos” (falecidos líderes espirituais e pessoas de comportamento exemplar) e gênios, que serviriam de intermediários entre os seres humanos e Deus, no que se poderia chamar de um “islamismo popular”, isto é, que foi ressignificado por tradições anteriormente existentes nos territórios anexados ao Mundo Islâmico, como o Egito e o Norte da África.

Dessa forma, apesar da maioria dos muçulmanos egípcios ser sunita, deve-se levar em conta o que foi exposto acima para compreendermos o que aconteceu em Zeytoun: a religião popular muitas vezes entra em conflito com a perspectiva ortodoxa religiosa

¹³ GERTZ, Clifford. *Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. CARDEIRA DA SILVA, Maria. *Um Islão Prático: o cotidiano feminino em meio popular muçulmano*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

dominante e, como consequência, os cultos aos virtuosos (entre eles, Maria) e a visita a santuários, mesmo sendo crenças/práticas condenadas como idolatria pela ortodoxia sunita, façam parte da experiência cotidiana de um número de muçulmanos impossível de precisar. Aparentemente, essas devoções da religião popular têm diminuído nas últimas décadas por conta do revivalismo islâmico que se espalha, a partir dos anos 1980, nos países de maioria muçulmana, buscando resgatar os princípios e tradições instituídos por intermédio de Muhammad e praticados por seus companheiros nos primórdios do Islã, sendo o principal a adoração exclusiva de Deus.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é que tanto a liderança ortodoxa sunita como a evangélica, apesar de oporem-se à interpretação dada pela Igreja Copta, não negaram ou negam a ocorrência das aparições sobrenaturais, mas sua origem, pois, para as referidas lideranças, os episódios são de fonte maligna.

Mas, independentemente da possível origem, se foi um fenômeno real, mal interpretado ou fruto de histeria coletiva, o fato é que teve implicações políticas, pois não só a Igreja Ortodoxa Copta procurou capitalizar benefícios (como o retorno de seus membros e ganho de novos), mas também o governo Nasser, que se aproveitou da situação de diferentes maneiras: incrementando um novo tipo de turismo (o religioso) e captando recursos para a combalida economia, assim como desviando a atenção de sua fracassada política externa em relação aos israelenses, continuando a produzir sonhos ufanistas de uma futura supremacia árabe na região.

REFERÊNCIAS

ABDULSALAM, M. *Maria no Islã*. 2009. Disponível em: <https://d1.islamhouse.com/data/pt/ih_books/single/pt_Maria_no_Islao.pdf>. Acesso em 5 out. 2016.

ALBERA, Dionigi. Combining Practices and Beliefs: Muslim Pilgrims at Marian Shrines. In: BOWMAN, Glenn (Ed.). *Sharing the Sacra: the politics and pragmáticas of intercomunal relations around holy places*. New York/Oxford: Bergham Books, 2012.

ALCORÃO. Português. O significado dos versículos do Alcorão Sagrado. Trad. Samir Elhayek. Alcorão. São Paulo: Marsam Editora Jornalística, 1994.

BERGER, Peter. *Rumor de Anjos. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. 2ª ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2013.

CARNEIRO, Sandra M. C. de Sá. Interpretando as Aparições Marianas no Contexto Brasileiro. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 23 (2), p. 127-145, 2003.

CARROL, Michael P. *The Cult of the Virgin Mary: psychological origins*. Princeton: Princeton University Press, 1986.

CSORDAS, Thomas J. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

EVANS, Hilary; BARTHOLOMEW, Robert E. *Outbreak!: The Encyclopedia of Extraordinary Social Behavior*. San Antonio: Anomalist Books, 2009.

HERVIEUR-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Lisboa: Gradiva, 2005.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã: Teologia de Maria na comunhão dos santos*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

KATZ, Felipe Beltra. Igrejas Orientais Paulistanas: Cristianismo Oriental e MetrÓpole. In: XVI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 16, 2014, Rio de Janeiro, *Anais...*, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1392593309_ARQUIVO_ANPUH-RJ-2014.pdf. Acesso em 6 out. 2010.

KHATER, Akran Fouad. *Sources in the History of the Modern Middle East*. 2ª ed. Boston: Wadsworth / CENGAGE Learning, 2011.

MARIZ, Cecília Loreto. Rainha dos Anjos: Aparição de Nossa Senhora em Itaipu, Niterói (RJ). In: STEIL, Carlos Alberto; MARIZ, Cecília Loreto; REESINK, Mísia Lins (Orgs.). *Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 235-268.

MELTON, J. Gordon. *The Encyclopedia of Religious Phenomena*. Canton: Visible Ink Press, 2008.

NELSON, Cynthia. The Virgin of Zeytoun. *Worldview*, p. 5-11, set. 1973. Disponível em: <http://worldview.carnegiecouncil.org/archive/worldview/1973/09/2208.html/_res/id=sa_File1/urlinn_includes/config.php>. Acesso em 3 out. 2016.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

RAMOS, José Maria Guimarães. *A aparição da imagem de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará; análise da manifestação do sagrado na Amazônia*. 2015 Dissertação

(Mestrado) – Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Belém, 2015.

RUBIN, Miri. *Mother of God: a history of the Virgin Mary*. London: Penguin Group, 2009.

SMITH, Jane I.; HADDAD, Yvonne Y. The Virgin Mary in Islamic Tradition and Comentary. *The Muslim World*, v. 79, nº 3-4, p. 161-187, jul./oct. 1989. Disponível em: <<http://www.readcube.com/articles/10.1111/j.1478-1913.1989.tb02846.x> Acesso em 29 set. 2016.

SONN, Tamara. *Uma breve história do Islã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

STEIL, Carlos Alberto. As Aparições Marianas na História Recente do Catolicismo. In: STEIL, Carlos Alberto; MARIZ, Cecília Loreto; REESINK, Mísia Lins (Orgs.). *Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 19- 36.

TAVARD, George H. *The Thousand Faces of the Virgin Mary*. Collegeville: Michael Glazier Book; The Liturgical Press, 1996.